

**BREVE ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO
DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS *HELENA***

Lucas Recalde (UEMS)

lucasrecalde@gmail.com

Catarina Santos Capitulino (UEMS)

cacaulevitaibg@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal fazer uma breve análise da obra adaptada para o formato das histórias em quadrinhos japonesas (mangá), *Helena* de Machado de Assis. As adaptações dos clássicos da literatura brasileira configuram a prática de leitura no ambiente escolar nos dias atuais. Dessa maneira, o presente trabalho, utilizando referências que historicizam a prática da escrita e da leitura em diferentes momentos da história, manifesta a presença das adaptações no Brasil, mais constatadas no século XIX, momento em que se inserem influências culturais de outros países. Nessa perspectiva, pretende-se discutir sobre as adaptações como um bem cultural, bem como a utilização do recurso para o incentivo à leitura. Nesse sentido, entende-se que as adaptações são textos reescritos, baseados numa obra clássica denominada literária, destinado a um público que não tem acesso ao original. Os referenciais utilizados são Formiga (2009), Meireles (2008), Silva (2011), Souza & Gomes (2013). As adaptações dos clássicos brasileiros para histórias em quadrinhos são vistas como recursos pedagógicos que devem ser utilizados no âmbito escolar juntamente com o texto original.

Palavras-chave: Adaptações literárias. Histórias em quadrinhos. Prática de leitura.

1. Introdução

É notável, durante os anos 1990, a grande explosão que os *mangás*, as histórias em quadrinhos japonesas, tiveram no Brasil. Com um estilo diferente ao dos *comics*, ou as histórias em quadrinhos estadunidenses e também dos quadrinhos brasileiros, tanto os traços quanto as histórias vindas Japão conquistaram, e ainda conquistam milhares de fãs.

O presente artigo propõe-se a analisar uma obra de um dos mais renomados autores adaptado a este estilo: *Helena*, de Machado de Assis.

A utilização de obras clássicas da literatura nacional adaptadas para o universo das histórias em quadrinhos é uma configuração que ocorre, hoje em dia, nas escolas.

Assim sendo, o presente trabalho, utilizando referências que historicizam a prática da escrita e da leitura em diferentes momentos da história, manifesta a presença das adaptações no Brasil, mais constatadas no século XIX, momento em que se inserem influências culturais de outros países.

Seguindo pela mesma perspectiva, pretende-se discutir sobre as adaptações como um bem cultural, bem como a utilização do recurso para o incentivo à leitura.

O presente trabalho divide-se em três momentos. Na primeira denominada *Breve histórico das adaptações*, propõe-se apresentar que as adaptações não é fato recente, mas faz parte da atividade humana. No segundo momento, apresenta-se a análise da adaptação da obra de Machado de Assis para mangá. E no último momento, expõem-se os benefícios da utilização das adaptações no âmbito escolar.

2. *Breve histórico das adaptações*

As adaptações das obras literárias consideradas clássicas não é algo recente, mas se faz presente em outros momentos da História. Na Roma Antiga no século I d.C. os retóricos já se apropriavam de obras que se adaptavam aos seus critérios.

Formiga (2009, p. 15) afirma que “as características desses textos mantêm alguma semelhança com as chamadas ‘adaptações’ ou ‘histórias recontadas’ na atualidade [...]”. Também, “[...] a Bíblia, os tradicionais contos de fadas, as fábulas [...]” apresentam traços que se assemelham ao processo da adaptação.

As adaptações possuem um papel político na sociedade, pois intervém socialmente como instrumento de leitura. Carrega consigo a funcionalidade da interação entre texto original e leitor. Esse leitor que por motivos diversos não se afez a literatura dos clássicos.

Considera-se que os clássicos da literatura são grandes obras criadas pela humanidade, razão pela qual compreendemos o histórico da humanidade e dos meios dos registros textuais. Mas, concomitantemente, concorda-se com Eagleton (2006, p. 17) ao defender que é ilusória a conclusão de que o estudo da literatura é o estudo de uma entidade fixa e limitada.

uma obra pode ser considerada como filosofia num século, e como li-

teratura no século seguinte, ou vice-versa, também pode variar o conceito do público sobre o tipo de escrita considerado como digno de valor. Até as razões que determinam a formação do critério de valioso podem se modificar.

Ainda segundo o autor, “*valor* é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos” (EAGLETON, 2006, p. 17). Portanto em cada momento histórico, a literatura configura-se de uma maneira.

Em muitas obras, o adaptador esclarece, logo na capa, que os textos são baseados numa obra principal, e não criando outra. O que justifica as modificações inseridas nos textos ao mesmo tempo em que permanece fiel ao enredo.

O conceito de adaptação tomado no presente trabalho, baseia-se na definição da passagem de uma obra literária para outras mídias e artes, como ao teatro, ao cinema, às histórias em quadrinhos, à TV, ou seja outro gênero textual.

A obra shakespeariana, *Romeu e Julieta*, tem sido adaptada para filmes, cinema, histórias em quadrinhos, como para *A Turma da Mônica*, e até mesmo nos teatros.

Diante disso, nos deparamos com o discurso no qual o cânone literário é visto como inalteráveis. Eagleton (2006, p. 19) afirma que

todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescriturà’. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis.

À medida que as sociedades se apropriam de determinados textos, ele tornam-se reescritos, adaptados às outras maneiras de produções sociais de registro. Para Formiga (2009, p. 29) a imposição da leitura de uma obra provém da instituição acadêmico-literária e baseia-se numa prática ilusória, pois nenhum texto é totalmente original, pois a própria linguagem, em sua estrutura, é uma tradução (PAZ, 2009).

Formiga (p. 240) afirma que as adaptações

[...] podem proporcionar uma leitura contemporânea da Antiguidade ou de outras épocas, recorrendo a atualizações linguísticas e formais, condensação, omissões e acréscimos, estratégias já utilizadas para disseminação da leitura entre épocas e culturas diversas.

Existe uma interação entre autor, adaptador, texto e leitor de forma que a criar um horizonte de possibilidades na construção de sentidos ao leitor. Pois, entende-se que “a leitura não é uma prática neutra, é campo de disputa, é espaço de poder”. (ABREU, 2002 *apud* SOUZA & GOMES, 2013, p. 676).

A leitura origina-se de uma necessidade social nas quais instrumentos ideológicos ditam sua importância. Conseqüentemente, aumentam-se o número de leitores.

No decorrer da história a leitura configurou-se em diversas formas, “[...] da modalidade de transmissão oral ao manuscrito, desde à engenhosa invenção de Gutemberg, do texto impresso ao virtual eletrônico, e-book.” (FORMIGA, 2009, p. 38). Dessa maneira, mudaram-se as formas de transmissão de cultura, e as adaptações tornaram-se veículos difusores de grandes obras culturais.

Num momento onde o Brasil dependia inteiramente do domínio português, a circulação de livros era procedente da cultura europeia. Ocorrendo assim, a tradução para a língua portuguesa, papel desempenhado por editores, tradutores e adaptadores que juntamente com as versões portuguesas inseridas no Brasil, começaram a criar estratégias de circulação das adaptações.

Segundo Chartier (1999, p. 77 *apud* FORMIGA, 2009, p. 46), certas formas e gestos de leituras “[...] são extintas e novas atitudes de leitura são inventadas porque estas mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler.” Essas novas formas tem como objetivo a compreensão do público. Nessa perspectiva, a leitura faz-se heterogenia, pelo seu caráter determinado pela produção e circulação de novos formatos de livros.

Para Machado (2002, p. 15), “o primeiro contato com um clássico, na infância e adolescência, não precisa ser com o original. O ideal mesmo é uma adaptação bem feita e atraente.” Pois, algumas obras não estão ao alcance da compreensão imatura de muitos. Mas, um convite para a inserção no mundo da literatura.

Os romances-folhetins realizados no século XIX assemelhavam-se à função do livro no Brasil. Os romances-folhetins foram vendidos nas ruas, lidos por um vasto público, e que atualmente são tomados como clássicos cujos autores podem-se citar José de Alencar, Machado de Assis, Manuel Macedo. Diante disso, reconhecem-se as diferentes práticas

de leitura.

Formiga (2009, p. 55) explica que no método escolástico

[...] a leitura passava por um processo de intermediação. Os textos *originais* eram filtrados através das interpretações feitas por ‘autoridades reconhecidas’ [...] que passavam adiante as regras ortodoxas, cuja implicação era a leitura *correta*.

Dessa maneira, não havia contato direto estudantes, religiosos ou pagãos com os textos originais. No Brasil colonial, os jesuítas eram quem recontavam as histórias bíblicas nas novas terras a fim de salvar as almas encontradas.

A pedagogia inserida nas escolas jesuítas, *Ratio Studiorum*, indicava a obediência à ordem e à disciplina escolástica. Os alunos conviviam, assim, com a mudança do conto oral para a escrita. Utilizavam-se versões das leituras clássicas com comentários acerca dos textos. E para o ensino de língua, orientava-se uso de traduções de trechos estudados. Percebe-se, assim, a presença das adaptações na metodologia do *Ratio*.

Textos de Virgílio, Cícero, Horácio e muitos outros foram adaptados ao currículo no período de Quinhentos, Seiscentos e Setecentos.

No fim do século XIX, os contos da carochinha foram reunidos e adaptados da tradição oral por Figueiredo Pimentel. Depois, professores como Carlos Jasen, traduziram e adaptaram obras estrangeiras para o espaço escolar.

Não se pode deixar de citar a contribuição dos irmãos Grimm que adaptaram para o público infantil as histórias herdadas. E antes, no século XVI, com as versões francesas de Perrault.

Monteiro Lobato, por sua vez, disseminou os contos da carochinha, bem como as traduções e adaptações de Perrault, dos Grimm e Andersen.

Formiga (2009) afirma que na década de 1960, Maurício de Souza cria *A Turma da Mônica*, pela Editora Continental. Em seguida, pela Editora Abril de 1970 a 1986, de 1987 a 2006 pela Editora Globo, e a partir de 2007 pela Panini Comics. O quadrinista brasileiro se vale de clássicos como Shakespeare, além dos contos de fada.

As histórias em quadrinhos são reconhecidas como um gênero composto pela linguagem verbal e não verbal que juntamente postas dão sentido e significado à narrativa.

Segundo Souza; Gomes (2013) a ascensão das adaptações dos clássicos em quadrinhos foram incentivadas pelo Governo Federal que se tornou o maior cliente das editoras. As editoras comerciais brasileiras foram presentes desde o século XIX e tomam força para a disseminação de obras adaptadas cada vez mais.

As adaptações são pensadas pelo mercado editorial para alcançar crianças e jovens. Dessa maneira, observa-se o aumento de leitores no país. Mas reconhece-se que “[...] há o poder do mercado na circulação de obras impressas, que dominam e formam confronto que a própria leitura impõe, padrões de gosto e de consumo [...]” (SOUZA & GOMES, 2013, p. 676-677)

Portanto, existe um desafio para atrair leitores e criam-se estratégias a fim do consumo do produto por meio de métodos textuais e editoriais.

Portanto, as adaptações, especificamente feitas para quadrinhos, exigem um olhar atento para os aspectos linguísticos, à linguagem quadrinista, bem como o conhecimento profundo da obra de origem e seu contexto histórico em que foi escrito.

3. A adaptação de *Helena* para os mangás: breve análise

Helena, de Machado de Assis, divide-se em 28 capítulos e foi lançado inicialmente em formato de folhetim entre os meses de agosto e novembro de 1876, tendo a história em si desenrolada nos anos 1850 e 1851

Dentro ainda da fase romântica do autor, a história de Helena começa a partir do momento em que o Conselheiro Vale falece e, por meio de seu testamento, reconhece Helena como filha, chocando Estácio, seu irmão e também D. Úrsula, irmã de Vale.

Em um primeiro momento, há certa desconfiança sobre a jovem, que está entre seus dezesseis para dezessete anos; porém, dotada de uma inteligência bem desenvolvida e de outros atributos, como a meiguice, aos poucos vai conquistando a todos, principalmente seu irmão, por quem acaba nutrindo um amor proibido.

Antes de continuar, é pertinente dizer que

Mangá é o nome dado às histórias em quadrinhos de origem japonesa. (...) se diferenciam dos quadrinhos ocidentais não só pela sua origem, mas princi-

palmente por se utilizar de uma representação gráfica completamente própria. (JBC MANGÁS. *O que é mangá?* Disponível em: <<http://mangasjbc.uol.com.br/o-que-e-manga>>. Acesso em: 20-02-20150. Grifo nosso).

A adaptação de *Helena* para *mangá* foi realizada pela Studio Season sob encomenda da editora New Pop, voltada justamente para este tipo de histórias em quadrinhos e lançado em 2014.

Logo nas primeiras páginas há o aviso de que “ler o mangá de *Helena* não é a mesma coisa que ler a obra” (SEASONS, 2014, p. 06), ou seja, a adaptação em si trata-se apenas de uma releitura do texto machadiano, visando trazer para o público que gosta das histórias em quadrinhos japonesas a obra de Machado de Assis. Por isso, explica-se que “[...] a história sofreu cortes, ao mesmo tempo em que tivemos que recriar cenas que eram apenas citadas por Machado.” (*Id. ibid.*).

É importante, também, trazer outra principal diferença do *mangá* de *Helena*: por se tratar de um estilo originalmente japonês, os *mangás* seguem uma linha de leitura diferente da ocidental, ou seja, ao contrário da leitura da esquerda para a direita, como acontece, por exemplo, com o português, a leitura da língua japonesa geralmente ocorre da direita para esquerda. Quando esses quadrinhos são traduzidos, costuma-se manter esta ordem. No caso de *Helena* optou-se por utilizar o estilo de leitura ocidental, ou seja, da direita para a esquerda.

Da mesma maneira, os diálogos originais do texto de Machado de Assis foram adaptados para o léxico atual, procurando manter a essência assim como foram introduzidos outros diálogos de forma a manter a fluência da história.

Apesar de uma ter sido criada com base na outra, o texto original e o texto em formato de história em quadrinhos são obras diferentes, cada uma com seus pontos particulares.

Um exemplo, já precitado, é o acréscimo de diálogos no *mangá* para que a narração possuísse fluência. Também é importante dizer que a caracterização dos cenários e também dos personagens depende, além das descrições do autor assim como o contexto histórico da história, da imaginação de quem adapta a história, dando suas próprias características aos personagens de Machado de Assis. “(...) há confrontos entre a própria obra e o leitor, entre o imaginário da obra e o de seus interlocutores”. (SOUZA & GOMES, 2013, p. 676).

4. Adaptações dos clássicos em sala de aula: incentivo à leitura

As histórias em quadrinhos se tornam recurso de grande riqueza quando inserida para fins pedagógicos. Reúnem a linguagem verbal e a linguagem visual e que juntamente com a linguagem quadrinista dão sentido à obra.

Segundo Souza & Gomes (2013, p. 677) “na adaptação aos quadrinhos a imagem pode ser melhor trabalhada para traçar mais claramente a ambientação da história.” Portanto, faz-se necessário que as adaptações captem as melhores imagens para que sejam inseridas na história. Ponto esse que se deve observar em sala de aula com discentes.

Outro ponto a ser trabalhado, são o silêncio e as trocas de olhares nos quadrinhos, pois para Neto (*apud* SOUZA & GOMES, 2013, p. 678) “a leitura dos quadrinhos favorece um desenvolvimento mais harmonioso entre as tarefas de analisar racionalmente e o trabalho de ler o mundo com sensibilidade.” Assim, não se pode colocar de lado os valores artísticos nos quadrinhos.

Os objetivos do uso dos quadrinhos em sala de aula variam de acordo com cada discente, desde que não exclua as especificidades desse gênero como os tipos de quadrinhos, linguagem verbal e visual.

Segundo Eisner (1989, p. 07), as “histórias em quadrinhos comunicam numa linguagem que se vale de uma experiência visual comum ao criador e ao público.” Portanto, as histórias em quadrinhos constituem um gênero multimodal. Caracteriza-se pela presença de diversas formas de linguagem que interagem entre si.

Cavalcante, Gomes, Tavares (2014, p. 16) apontam as contribuições da utilização dos quadrinhos em sala de aula, pois

[...] podem contribuir muito para a formação do aluno, assim como podem trazer ao professor um leque de opções para que ele possa trabalhar a leitura, a produção, a interpretação, o senso crítico, o raciocínio lógico, enfim, esse gênero possibilita ao professor inúmeras possibilidades de se trabalhar a língua nos seus mais diferentes modos e para os mais variados fins. Assim, cabe ao professor fazer um estudo aprofundado do gênero e perceber o quanto ele pode abrilhantar as suas aulas e despertar no aluno mais prazer no aprendizado da língua.

A utilização das adaptações para quadrinhos incentiva a leitura. Mas, salienta-se que uma adaptação não é a própria obra literária, dessa maneira, faz-se necessário que o docente trabalhe juntamente com a obra de origem, enfatizando as diferenças, mas que ambas são importantes, e que os quadrinhos e as adaptações também são bens culturais.

Como foi apresentada, a leitura não é uma ação neutra. A escola, instrumento pensado para ensinar os conhecimentos historicamente presentes na humanidade, legitima o discurso da academia, dos registros oficiais e das editoras a respeito das leituras.

Segundo Formiga (2009, p. 178), “na relação mercado/capital e escola, existem tensões, naturalmente, porque há, no intercâmbio de circulação de mercadoria e de sua validação, uma relação de poder e autoridade, de força econômica e cultural”.

A relação autor-obra-público apresentam-se componentes indissociáveis. Assim, se faz com a tríade mercado-escola-leitor, na qual a escola interliga e legitima os produtos culturais. Mas, é do leitor a decisão da aquisição da obra importa.

As adaptações são tomadas como bens culturais, pois é uma prática presente na história da humanidade e que constitui uma forma de produção pensada coletivamente, que abarca os profissionais que mediam os textos adaptados e os leitores.

5. Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo principal fazer uma breve análise da obra adaptada para o formato das histórias em quadrinhos japonesas (mangá), *Helena*, de Machada de Assis.

As adaptações dos clássicos da literatura brasileira configuram a prática de leitura no ambiente escolar nos dias atuais. Dessa maneira, o presente trabalho, utilizou referências que historicizam a prática da escrita e da leitura em diferentes momentos da história, manifesta a presença das adaptações no Brasil, mais constatadas no século XIX, momento em que se inserem influências culturais de outros países.

Nessa perspectiva, refletiu-se sobre as adaptações como um bem cultural, bem como a utilização do recurso para o incentivo à leitura. Nesse sentido, as adaptações são textos reescritos, baseados numa obra clássica denominada literária, destinado a um público que não tem acesso ao original.

As adaptações dos clássicos brasileiros para histórias em quadrinhos são recursos pedagógicos que devem ser utilizados no âmbito escolar juntamente com o texto original, pois ambos possuem seu valor.

Portanto, cabe ao professor elaborar um bom planejamento com objetivos claros para introduzir adaptações em sala de aula e ressaltando a importância do texto literário e as adaptações seja em mangás, quadrinhos, cinema, teatro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Disponível em:

<http://minhateca.com.br/viniciusbarbosadearaujo/Eagleton*2c+Terry/Eagleton*2c+Terry+-+Teoria+da+Literatura*2c+uma+introdu*c3*a7*c3*a3o,153077818.pdf>. Acesso em: 15-02-2015.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FORMIGA, Girlene Marques. *Adaptações de clássicos literários: uma história da leitura no Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em:

<http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_arquivos/9/TDE-2012-11-08T112019Z-1831/Publico/arquivototal.pdf>.

JBC MANGÁS. *O que é mangá?* Disponível em:

<<http://mangasjbc.uol.com.br/o-que-e-manga>>. Acesso em: 20-02-2015.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

O mangá no BRASIL. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410903_06_cap_02.pdf>. Acesso em: 22-02-2015.

PAZ, Octavio. *Tradução: literatura e literalidade*. Trad.: Doralice Alves de Queiroz. FALE/UFMG, 2009, p. 9-33. Disponível em:

<<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/traducao2ed-site.pdf>>. Acesso em: 18-02-2015.

SOUZA, Luciana de Castro; GOMES, Nataniel dos Santos. Uso dos quadrinhos em sala de aula: as adaptações de clássicos da literatura a no-na arte visita os clássicos. *Revista Philologus*, ano 19, nº 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2013.